QUARTA FEIRA 23 DE OUTUBRO DE 1872

Assigna-se e vende-se em casa do sr. Joaquim José Vieira da Rocha, na rua do Souto n.º 41.

Não se recebem assignaturas por menos de seis mezes as quaes serão pagas adiantadas

Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte, á redacção do FUTURO, rua do Souto n.º 41.

Escriptos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos; e os de responsabilidade devem vir reconhecidos.

# O FUTURO

SEMANARIO RELIGIOSO, POLITICO E NOTICIOSO

DEDICADO PELA MOCIDADE Á CAUSA DA PATRIA

Preços d'assignatura:

Para a cidade, por anno 1$200 rs. — Semestre 600 rs. — Provincias: — Por anno 1$500 rs. — Semestre 750 rs. (franco de porte.) Annuncios e correspondencias de interesse particular 20 rs. por linha repetição 10 rs.

NUMERO AVULSO. . . . 30 rs

2.º ANNO — PUBLICA-SE ÁS QUARTAS FEIRAS — NUMERO 84

*Non recedet memoria ejus, et nomen ejus requiretur a generatione in generationem.*

Nunca serão esquecidas as suas acções; e o seu nome perpetuar-se-ha de geração em geração.

ECCLESIASTICO, CAP. 39 V. 13.

Sumiu-se, nas sombras da morte, para fulgir mais longe, ao pé de Deus, mais um astro legitimista, que, por treze lustros incompletos, derramára ondas de luz benefica no espirito dos verdadeiros e leaes portuguezes!

Finou-se mais uma vida preciosa, esgotada nas lides insanes da sciencia e na defeza inquebrantavel das verdadeiras ideias religiosas e dos sãos principios sociaes!

Por isso, jámais se apartará de nós, e de nossa descendencia, a memoria de suas acções e o nome de sua gloria = *non recedet memoria ejus et nomen ejus requiretur a generatione in generationem!*

Na noite de 17 do corrente, succumbiu ao ultimo accesso de uma thysica laringea, o nosso especial e nunca assás chorado amigo, o Illm.º e Exm.º Snr. Commendador D. José de Senna Freitas.

Distincto pela nobreza de linhagem era-o ainda muito mais pelas suas excellentes qualidades civicas.

D'uma honradez a toda a prova, e de antes quebrar que torcer, foi sempre fiel aos principios religiosos em que foi esmeradamente educado, e aos principios politicos que uma vez professou.

Incançavel defensor da Egreja Catholica e da Monarchia tradiccional illustrou a imprensa catholica e legitimista com escriptos, dignos das causas, que valorosamente defendia, e que hão de merecer da posteridade o respeito e homenagem, devidos aos homens duas vezes illustres pelo seu saber e coragem.

O Commendador B. José de Senna Freitas nasceu no Rio de Janeiro em 31 de outubro de 1808, época em que seu pae o conselheiro José Joaquim da Silva Freitas, notavel homem da politica d'então, e conselheiro vallido d'El-Rei o Senhor D. João VI alli estivera fazendo parte da côrte portugueza, e dirigindo os negocios da guerra, marinha e ultramar.

Regressando para Portugal o Senhor D. João VI, e sendo acompanhado do seu amigo predilecto o Conselheiro Freitas, trouxe este sua familia, sendo ainda menor Bernardino José de Senna Freitas, que então, e ainda menino, fôra feito Commendador de Christo e havia recebido como lhe pertencia por seus antepassados o fôro grande de fidalgo.

Na sua convivencia no Paço com o Senhor Infante D. Miguel, desde certos annos, affeiçoára-se tanto áquelle principe, que seguiu a sua causa, jurando-o como Rei, e acompanhando-o em sua queda.

Por vezes, depois do exilio do infeliz Rei desthronado, o Commendador Senna Freitas foi honrado com testimunhos de apreço com que o Rei-Martyr se costumava lembrar dos que deixára na patria que tanto lhe quiz.

Perseguido o Commendador Senna Freitas pelas suas opiniões politicas, e tendo fallecido seu pae, logo em seguida á invasão liberal, retirou-se do continente, tendo sido sequestrados muitos dos bens de sua casa, e vendo perdida, por motivos em que a politica foi tambem principal agente, a consideravel fortuna que seu avô, o Desembargador do Paço, Bernardino José de Senna Freitas, possuia no Brazil.

Viveu, pois, nos Açores, onde possuia, ainda, um resto valioso de sua casa, e voltou ao continente para casar com a Exm.ª Snr.ª D. Maria José de Brito Velloso Vasconcellos, dama de grandes virtudes, oriunda de uma das principaes familias do Algarve, e irmã da actual Baroneza do Rio Zezere, regressando á Ilha de S. Miguel, passados alguns annos; e, tendo enviuvado em 1843, dedicou-se exclusivamente á educação de seus filhos, em que foi um modelo de esmero e de amor paternal, e á cultura das lettras e das sciencias, de que foi distincto ornamento.

Regressando ao continente, por conselho dos medicos em 1859 escolheu Braga para sua residencia, e n'esta cidade teve a fortuna de possuir amigos dedicados, que o respeitavam e estimavam.

O Commendador Senna Freitas era representante de uma familia das mais antigas da nobreza, familia em que estão entrelaçados os ramos da casa dos Viscondes do Real Agrado, Cabos Finaes e outros de remota linhagem. Era socio da Academia Real das Sciencias, e membro de diversas associações scientificas e litterarias de Portugal e do estrangeiro, e Bacharel em Direito. Foi o segundo donatario das casas de Lajaros, Jorge Dias d'Oliveira, Christovão de Oliveira e outros em que lhe succede seu filho primogenito Bernardino José de Senna Freitas.

Os seus trabalhos litterarios, publicados em volumes ou na imprensa periodica, são na maior parte monumentos archeologicos em que se revella o aturado estudo que, n'este ramo de preferencia, fazia.

Deixa além do seu alludido filho, outro, o Illm.º e Rm.º Snr. José Joaquim da Silva Freitas, virtuoso sacerdote, que em França fez os seus estudos ecclesiasticos, e que, por uma notavel vocação, se ligou á congregação de S. Vicente de Paula em Pariz, e que ha pouco regressou das Missões da America do Sul, onde se tornou distincto.

Ficou-lhe tambem duas filhas, uma solteira, que vive com suas thias, no Algarve, e outra do segundo matrimonio, contraido em 1844, casada com o coronel d'artilheria Ivo Celestino Gomes d'Oliveira.

A sua casa é um modêlo de boa administração, que deixou a seu filho inteiramente livre do menor encargo.

Desceu á vala do sepulchro no meio do lucto geral dos seus amigos, os quaes não cessaram de multiplicar em redor do feretro as honras funerarias. A mocidade legitimista Bracarense que lhe era devedora de não poucos e pequenos favores, acompanhou-o á Egreja do Carmo, assistiu ahi ás ceremonias religiosas, e depois pegou das fitas do caixão e conduziu-o ao cemiterio, *como pecare ut ami.*

Ao exm.º Snr. Bernardino José de Senna Freitas e ao Illm.º e Rm.º Snr. José Joaquim da Silva Freitas e a toda a sua Exm.ª familia, os nossos sentimentos pelo golpe profundo que receberam

E emquanto admiramos as acções de seu pae não cessamos de orar a Deus pelo eterno descanço de sua alma, pedindo a todos egual tributo de homenagem — *Requiem æternam dona ei Domine, et lux perpetua luceat ei. Requiescat in pace. Amen.*

## BRAGA 22 DE OUTUBRO DE 1872

### A Revolução no seculo actual.

Hoje, como outr'oura nos plainos virgens do Eden, espelha Satanaz, aos olhos dos filhos d'Eva, as antigas glorias do seu reino.

Apeado do pedestal do 40 seculos, e feito pedaços o sceptro de ferro com que fizera vergar diante de si tantos povos e gerações, intenta, todas as vezes que póde, erguer das ruinas o mundo pagão, fazendo sobresahir aos olhos, seduzidos pelo brilho d'ambição e interesse desmedidos, os falsos explendores e mentirosas liberdades do imperio romano

A historia ahi está para o attestar; e os esforços do nosso seculo não tem outro fim senão restaurar o paganismo em todas as obras sociaes, em todas as instituições humanas.

Triplice era o reinado do principe d'este mundo — *princeps hujus seculi* — quando a sociedade humana gemia sob os ferros da escravidão, do goso e da prepotencia: a apotheoze da razão, a apotheoze da carne, a apotheoze da vontade.

Nada de crenças, contradições universaes, egualdade de religiões diante da lei, adoração de todas as divindades n'um mesmo Pantheon — era a apotheoze da razão

Culto universal dos sentidos por meio do luxo e da voluptuosidade e por meio d'uma civilisação material, cujo fim unico era o goso da materia, a fruição dos sentidos e o instrumento da concupiscencia.

A litteratura e a poesia, as artes e os theatros, glorificavam, cantavam, reproduziam no bronze e no marmore, nas estatuas e nos paineis todas as deshonestidades dos deuses e dos homens — era a apotheose da carne.

Ellas, como se n'ellas estivera concentrado o poder espiritual e temporal, todos os homens. Odiava-se e perseguia-se o christianismo por meio da injuria, da calumnia, dos tormentos e da morte, em nome do direito e em defeza da liberde — era a apotheose da vontade.

E o que é que hoje estamos diariamente presenceando em todas as nações da Europa?

Não se está, ahi, divinisando as paixões, rendendo culto e homenagem aos vicios mais revoltantes, aos crimes mais atroses?

Não se teem pintado com as mais vivas cores as sensações da carne e da voluptuosidade, chegando-se até, como se n'isso estivera o ideal da belleza, a retratar mís a mulher e o homem?

Quantas estatuas, levantadas no meio de nações christãs, coroadas com a admiração dos indifferentes e acclamações da populaça, e deificadas pela homenagem dos sabios, que só louvam o genio do artista, o merito da arte e não se lembram de reprovar a personificação da apotheoze do erro, da carne, e da vontade?

Não se santificou, já, o roubo nas altas regiões do *poder*, aonde tripudia a honra, a justiça e o direito, consentindo-se na iniqua e sacrilega usurpação dos Estados Romanos?

Não se tem reproduzido, como modelo da pureza da lingua patria, como primores de estylo, e como preciosos thesouros de eloquencia e sciencia, tantas obras repletas de falsos principios e vasias de sãs ideias, ha tanto tempo sepultadas no pó das bibliothecas, aonde deveriam de estar eternamente para somente relembrar ao homem o quanto elle é susceptivel de transviar-se, errar e perder-se?

Quantas vezes se não teem cantado em prosa e verso e representado no theatro ao som dos applausos de milhares de espectadores, os desvarios da intelligencia, as loucuras do coração, tres vezes condemnados pela razão pela Egreja e pela historia?

Não se tocam hymnos a Jupiter, não se cantam trovas a Venus, não se erguem altares a Neptuno, não fumega no antigo Pantheon o incenso da idolatria, mas faz-se peor ainda, tocam-se hymnos á Revolução — pae de todos os outros deuses, o interesse, a ambição e o prazer; cantam-se nas egrejas de Roma, «Te-Deum» a Mazzini, Garibaldi e Victor Manoel; erda mentira, diante dos *genios previlegiados* de Machiavel, Diderot, Alembert, Renan e Victor-Cousin.

Não está, ainda, o poder concentrado na mão d'um só homem, mas já milhares de subitos, até hoje livres e agora escravos, porque subjeitos ao dominio estrangeiro, estão presos ao carro triumphal do principe de ferro, e por toda a parte se sente a influencia de suas desmedidas ambições; ainda o imperio universal, imperio da descrença e desmoralisação, não está formado, e alguem dirá em embrião, mas lá está Roma, já, capital da Italia-Una, isto é, a metropole do paganismo moderno, como quando no dominio dos Papas a capital do Catholicismo.

Os italianos ainda não escreveram o seu ultimo pensamento, ainda não proferiram a derradeira palavra; porém a invasão a mão armada, sem motivo algum

---



afim de festejar a passagem do augusto viajante.

Os dançadores contavam com uma tarde de prazeres; podia em similhante circumstancia hesitar um principe francez? A partida foi portanto adiada para o dia seguinte.

Além d'isto foi-nos util esta demora; porque nos permittiu dispensar mais tempo ao exame dos estabelecimentos, que fazem de Zatalhna uma cidade muito importante.

Fomos ver a machina a vapor, as fundições, as forjas, as machinas que servem para o amalgama e separação do mineral, as officinas e o deposito das moedas. E' n'este estabelecimento que habitam os commissarios encarregados de comprar o ouro colhido pelos paisanos, a quem pagam por cada onça d'ouro 54 francos e 60 centezimos. Calcula-se, que vendam por anno ao Estado quasi seis milhões d'ouro.

O conde de Chambord foi ás nove horas ao baile, onde encontrou uma reunião muito agradavel, e pôde, durante elle fallar com homens, cuja conversação devia completar os conhecimentos, que elle acabava de adquirir durante sua visita ás minas.

Ao sahir do baile mettemo-nos nas carruagens para irmos a Carlsbourg. O coronel Karguer, official de merito, e de cujo conhecimento o principe tem muito a louvar-se, precedeu-nos para fazer estar em armas a guarnição. Encontramol-a em ar



de batalha na esplanada. Cada regimento manobrou primeiro separadamente; a infanteria executou muitos exercicios com perfeito acerto; os artilheiros marcharam em ar de batalha, mudou de direcção, collocou-se em bateria, deu descargas em avançada e retirada e a tropa desfilou alfim toda diante de nós.

Fomos pernoutar em Enyede, logar-tenencia do condado de Weissemburg. O conde Jsé Banfi veio ao encontro do principe com o seu gracioso vestuario de magnate. Tinha preparado a casa dos comicios para o receber; um bello esquadrão de cavallaria ligeira estava em armas diante da casa. O conde de Chambord passou pelas fileiras e a pedido do general Foissar-Latour o coronel Stahel, que commandava este bello corpo, destacou alguns cavalleiros, que o general examinou minuciosamente, e cujo exame foi muito satisfactorio. Depois da revista fomos ao collegio reformado, do qual o principe visitou as sallas, os dormitorios, a bibliotheca e o gabinete das medalhas. E' notavel este collegio; porque é dirigido por um homem muito instruido e muito influente no paiz. Entre os jovens haviam muitos da mesma idade do conde de Chambord; todos se agrupavam em volta d'elle para o verem e para o ouvirem; a sua pressorosidade parecia inspirada pelo mais benevolo interesse.

Antes de nos mettermos nas carruagens o principe recebeu as despedidas do



çaram com o principe, que os convidou para se sentarem na sua carruagem por não querer perder os instantes, que com elles podia passar.

O estabelecimento das salinas é na margem esquerda do Marosch, cuja proximidade favorece muito a exportação dos seus productos. Atravessa-se este rio no sitio da barca defronte dos armazens do governo, e onde passa a estrada, que vae para Felvincz.

Esta pequena e ignorada villa da Transylvania offerece uma particularidade mui notavel; que dividir-se em duas partes, uma das quaes tem uma legislação, que lhe é propria, e que legislação! a lei agraria, o sonho absurdo d'alguns utupistas.

De cinco em cinco annos em Felvincz sam as propriedades submettidas a uma nova partilha: assim o pesado nivel d'uma louca igualdade passa periodicamente sobre todas estas miserias, para fazer entrar, no resto commum, os operarios e artistas, que tivessem tentações de sahir d'elle.

Haviamos já soffrido durante a viagem bastantes tempestades; a ultima porém aguardava-nos em Torda. Esta cidade está situada sobre o Aranyos, e os romanos chamavam-lhe Salinæ: e na verdade possuiu outr'ora salinas, que, ha muito já, se esgotaram. Foi em Torda que os Hungaros, os Szeklers e os Saxões adquiram em 1545, por uma convenção, o previlegio exclusivo de representação na Diéta. Nós apenas n'ella nos demoramos o



munições d'uma imponente casinha de campanha. Leitões em espetos, immensas cassarolas, grelhas carregadas de costelletas dignas dos heroes de Humero, cantaras, ou, se o querem, amphoras cheias de vinho da Hungria, eis o que se nos apresentou á vista similhante a representação real d'uma festa de theatro, como as bôdas de Gamacho. Como o escudeiro de D. Quixote ter-nos-hiamos de muito boa vontade aproximado do chefe a pedir-lhe *uma pouca d'essa escuma para esperarmos o jantar;* mas em vista dos preparativos, que annunciavam proximo desenlace teve paciencia o proprio Sancho, a quem o seu reportorio de proverbios não deixou certamente de dizer que — *Tudo chega a proposito a quem sabe esperar.*

Esta planura é além d'isto mui notavel, porque em toda ella se encontram vestigios d'erupções vulcanicas. Um pouco abaixo do sitio em que estavamos via-se uma montanha, que se tinha aberto por causa d'um tremor de terra: o terreno adjacente estava cheio d'um grande numero de pedras de basalto d'um consideravel volume, e que provam a acção de fogos subterraneos. Tudo n'este sitio era original, a reunião, a cusinha, e a propria mobilia da sala de comer. Uma hora antes da nossa chegada tinham cortado e polido arvores, destinadas a servir-nos de mesa e de cadeiras: assentamo-nos pois, mas com algumas precauções, porque os assentos estavam muito

e sem previa declaração de guerra, o punhal cravado no peito de tantos vassallos fieis e passeando triumphante nas ruas da cidade eterna, o Papa prisioneiro no Vaticano sem poder transpôr os umbraes do seu palacio sob pena de ouvir o terrivel *Crucifige*, as garantias individuaes e sociaes, traiçoeiramente desmentidas, os actos religiosos insultados, confiscados os bens dos padres depois de expulsos os seus unicos e legitimos donos, a impiedade e a immoralidade campeando altiva por toda a parte, nos theatros, na imprensa e nas praças e ruas, apesar das lagrimas e queixumes do venerando pae da christandade, tudo isto não será uma prova sem replica de que estamos no reinado das trevas, que a noite da revolução estende por sobre a Europa toda seu manto funebre, porque é de desolação e morte, e que o Paganismo, morto ha mil e tantos annos pelo auctor da vida, resuscita pelos esforços de Satanaz, estendendo o seu reinado á intelligencia pelas ideias, ao coração pelas palavras perversas de mentirosa liberdade?

Pio IX, o unico homem infallivel quando falla em materias de fé e moral, caracterisou bem a revolução em seus principios e fins, na sua admiravel Encyclica de 8 de Dezembro de 1849.

«A revolução, diz elle, é inspirada por Satanaz. O seu fim é destruir completamente o edificio do Christianismo e reconstruir em suas ruinas a ordem social do paganismo. O grande meio de que se serve é fazer brilhar aos olhos dos italianos as glorias de Roma pagã, para tornar odiosa Roma christã, como sendo o obstaculo que impede a Italia de reconquistar o velho esplendor dos tempos antigos, isto é, dos tempos pagãos: *quo Italia pristinum veterum temporum, id est Ethnicorum, splendorem iterum acquirere possit.*»

A 28 de Junho de 1860 dizia tambem, o Cardeal Vigario, por occasião da festa do Principe dos Apostolos: «O triumpho de S. Pedro na cidade de Roma tem assanhado de tal modo o demonio que nunca tem deixado de atacar, com a mais encaniçada guerra, a Santa Sé, nem de querer reconduzir Roma aos erros e barbaries antigas etc».

Quem ha ahi, agora, que julgue um mar de rosas o estado actual da Europa? Não se ouviu já o troar do canhão da tyrannia, o flamejar do archete da communa?

da tranquilidade publica, hoje tão minada pela base, não nos illudamos com as prosperidades materiaes de alguns paizes; uma nação póde viver sem caminhos de ferro, sem telegraphos, sem os mais eventos do nosso seculo, mas sem o que não póde passar é sem a religião catholica que é a unica base de toda a prosperidade material e moral.

---

Amigos collegas do *Futuro*

Ainda que hoje esteja um pouco affastado da vossa milicia activa, e que circumstancias especiaes me constranjam a suspender agora meus humildes trabalhos na grandiosa e necessaria obra da Restauração, tinha um prazer immenso em acceder ao pedido que me foi feito, para que eu escrevesse o artigo-programma do nosso periodico catholico «A Reacção».

A demora que houve, em eu ter conhecimento d'isto, foi causa de eu não satisfazer e os meus dezejos.

Não querendo que um silencio meu seja considerado esquecimento ou descuido em coisa de tanta monta e tanto de meu gosto, escrevo-vos esta carta, e approveito a occasião prezente para dizer duas palavras sobre o assumpto.

Como sabeis, eu sou *papista*, *reaccionario*, e tantas outras coisas similhantes, que tão mal soam aos ouvidos dos *livres-pensadores*, *progressistas*, *anti-infallibilistas*, etc., e por isso não podia deixar de me agradar muito o titulo, que nossos amigos de Guimarães deram ao novo campeão da boa-causa.

E sendo nosso corpo politico essencialmente homogeneo, isto é, havendo entre nós todos uma notavel e constante harmonia de opiniões e de aspirações, é natural, que a interpretação d'esse nome seja geralmente seguida, e appoiada por um mesmo sentimento.

Reacção é a força operada na sociedade, corrompida sob o dominio de certos e profundos abusos, nas doutrinas, nas leis, nos costumes.

Essa força é dada em opposição á corrente de ideias e sentimentos, que formam o caracter predominante do seculo, ou melhor, contra os abusos, que a sociedade recebeu como leis, e como causa essencial de sua degeneração religiosa e politica.

A reacção nunca é revolução. E' sempre restauração. A reacção não derruba, mas reedifica sobre as ruinas da sociedade seus antigos monumentos. A reacção é a expressão triumphante do espirito recto da humanidade.

E aqui está um poder invencivel, essa magestade augusta que faz humilhar e emmudecer os vultos salientes, que se consideram a expressão do *espirito do seculo*.

A reacção é sempre providencial, como a vida da Egreja em cujo seio ella se prepara, e de quem é a manifestação eloquente de triumpho *já esperado* e fecundo de bens para a sociedade.

Estes bens para a sociedade são anniquillação de todas as seitas com o perdão para os individuos, são as homenagens glorificadoras ás doutrinas verdadeiras e salutares do codigo universal — o Evangelho — com o incentivo para seus seguidores, *fieis* e *unidos*, os quaes na sua obediente fidelidade á Egreja teem o premio dos soffrimentos passados e a alegria de suas esperanças.

A reacção sendo um segundo *Fiat Lux*, lançado sobre a terra entre as ruinas, no cahos da sociedade, que não symbolisa já a harmonia da Natureza Divina, mas anarchia das paixões do homem, e que não respeita já o Dogma da Caridade, mas as leis brutaes do egoismo humano, não é flagelo, não é guerra, é a *Paz*, que se restabelece entre Deus e o homem, e então os homens por essa nova e sublime alliança, cujo *ramo* não nos é já doado nos bicos d'uma pomba, mas é representada na Tiara de Pedro, e cujos artigos são contados desde o lar das familias por outras tantas boccas.

A reacção é acto justo e necessario da Providencia.

Justo; porque ella castiga então o êrro, e apresenta ás nações a verdade em seu primittivo throno.

Necessario; porque sem este acto Deus faltaria ás suas promessas, a Pedra-Eterna da Egreja seria despedaçada por o braço impio d'aquelles que ensinam e teem o *direito da força*, e este, substituindo no mundo a *força do direito* anniquillaria pela base a civilisação christã, tornando inuteis todos os seus triumphos de todos os seculos.

A reacção não é o *feudalismo*, nobilissima e necessaria instituição d'épocas passadas, não é o *absolutismo*, e ainda menos o *communismo*, ultima e fiel expressão do *liberalismo*.

A reacção não é realista, aristocrata, democrata, theocrata! *E' catholica!...*

Ella só teve um inimigo, sobre cujas ruinas hade erguer sua bandeira gloriosa — *é o liberalismo* — só depende d'uma vontade, Deus, e d'uma só instituição — o Evangelho — que não é fórma de governo dos homens, mas luz divina sobre a terra, elemento da vida da humanidade, e imperfeita obra da actividade cambição humana.

A reacção é o triumpho final da Infallibilidade e a dictoria do Poder-Temporal.

Porque n'esse dogma recentemente definido, e n'essa veneranda legitimidade do Rei de Roma, tem a *Egreja* os alicerces de sua *unidade*, e a *sociedade* os elementos de sua *ordem*.

N'esta unidade mystica, que é o Catholicismo triumphando da rebellião e anarchia de todas as seitas, n'esta ordem, que dá a paz aos cidadãos no *livre* e *justo* gozo de seus direitos e em harmonia com os preceitos da Egreja, Mãe Commum, estão as bases da reacção.

E, quando o Papa na Bazilica do Vaticano proclamar ante o Universo o *Non prevalebunt* em um *Te-Deum* triumphante, e sobre as tristes e ensanguentadas ruinas das seitas religiosas, que ousaram negar-lhe o grau de Doutor, infallivel, e das seitas politicas, que lhe usurparam seu throno, abençoar todos os fieis, *unidos* sob um só *Chefe* e com um só *Credo*, nova época começará no mundo, a reacção encetará seu reinado de paz e de *verdadeira liberdade*.

Porque esta só póde ser dada por Deus, de Quem a Egreja recebe a Lei e o Poder.

E' isto, meus Amigos, o que intendo pela palavra reacção, nome que tanto horrorisa os vossos adversarios, os *liberaes*.

Mas talvez que minha humilde opinião não esteja concorde com a de muitos, emquanto ao tempo, que hade correr de privações e de anciedade.

E por isso eu agora agradeço ao feliz acaso que me privou de ir fallar ao publico em nome d'uma respeitavel Redacção,

Porque as opiniões por mais exageradas, sendo apresentadas sob um só nome, não podem causar a impressão maior que excitam aquellas que são da responsabilidade d'um corpo collectivo.

Eu tenho esperanças; mas vejo longe a sua realisação.

*Espero*; mas não deslumbro a phantasia com imagens de ventura certa para viver aqui na terra.

Tenho no peito o fogo do *crente*: mas não acerto com o calculo feliz de *politico*.

Eu me explico.

Considero esse flagelo, que prezentemente afflige e definha as nações, o *liberalismo*, como o castigo horroroso, com que Deus castiga crimes do passado e a descrença e impenitencia das gerações modernas.

O *liberalismo* é da data das usurpações e sacrilegios dos degenerados imperadores do Sacro Imperio.

E' a setima lucta do genio do mal contra a Egreja, e começou nos degraus do throno e no cerebro morbido de frades fanaticos e rebeldes.

E foi a Realeza que ajudou o fanatismo de Luthero, e foi sempre ella, que bateu as palmas satanicas, quando o demonio da rebellião estremecia o collo, tanto no campo religioso, como na sociedade profana.

Deus marcou em seu livro de Justiça o castigo que seculos depois appareceu na Europa, representado no vulto de Bonaparte, genio á altura de sua missão de ruinas, e de miseria e humilhação para os reis.

Relêde a historia desde o seculo 18.º, estudai nas nações da Europa os vultos da Realeza nos differentes thronos

Pondo de parte os tristres fructos do *protestantismo*, que deu profundo e fatal golpe na unidade politica de Allemanha, e *por isso no poder dos Cesares Germanicos*, os sacrilegos e primeiros offensores de Roma, contemplai essa progressiva e humilhante decadencia, que entibia os representantes da Realeza e que não pára em Luiz 14.º, que promulgando o supremo absolutismo completou a degeneração da Instituição real, e apparece cada vez maior e mais nefasta nos mesmos heroes da raça austriaca, que a par de piedade ostentosa deram-se um escandaloso espectaculo ao mundo.

Carlos 5.º, o moderno Carlos-Magno, retirou-se para S. Justo a expiar sem duvida as offensas, que lançára contra a Cadeira de S. Pedro.

E Henrique 8.º em nome de sua voluptuosidade, D. Pedro 2.º com seu torpe egoismo, bem apressaram a hora da Justiça Divina.

Agora se quereis conhecer bem o estado da sociedade que vivia no alto, longe e perto dos thronos, lembrai-vos dos ultimos annos do ultimo quartel do seculo passado. Ahi encontra-se clara e frisante a explicação de tantas coisas tristes e horriveis, que vieram depois humilhar e enfraquecer o Clero e esmagar a Aristocracia e manchar a Realeza.

E esse mesmo povo tão vantajosamente elogiado por seus naturaes aduladores, os homens da classe media, que tanto tinham a ganhar com a decadencia da Realeza e da aristocracia, não ficou isento de mancha e peccado.

As scenas horrivelmente tragicas da revolução franceza e de tantas outras, se não culpam a nódoa de qualquer nação, ao menos apresentam por sua vez a degeneração e abusos do povo, a mais funesta de todas.

O castigo tornou-se geral.

Bonaparte tinha dupla missão, seu genio havia de ser tambem o duro instrumento do castigo aos povos.

E a Europa alagou-se em sangue de centenares de exercitos, que tentando despenhar de seu glorioso pedestal o colosso, ficaram sepultados sob os tropheus das victorias d'elle.

Mas os mesmos vencedores erguendo a triumphante bandeira com o braço ensanguentado e a face livida, choravam nos campos das batalhas, vastos cemiterios da flôr do povo francez, os mais sacrificios que lhes custára a gloria militar. Waterloo foi o epylogo d'este flagelo. O moderno Atila succumbiu n'aquellas campinas ante as legiões britanicas, reunidas acolá em nome das Instituições, que Napoleão derrubára, e antes d'elle a classe-media e o socialismo.

Parecia que Deus cessára o castigo, e queria a paz na terra entre os arrependidos.

Mas essa idade d'oiro não veio!...

*(Continúa)* *D. José d'Almeida.*

---

## NOTICIAS ESTRANGEIRAS

Le-se no *Direito*: No dia 6 do corrente, inaugurou-se em Colonia, a Associação de catholicos allemães, succursal da de Muguncia. A concorrencia calcula-se n'umas 6,000 pessoas. Foram oradores, os snrs. Bander, barão Frederico de Loe, conego Thissen de Limburgo, doutor Fischer de Heidelberg, barão Wamboldt, conego Haffner, conde Zumberg, e os snrs. Baké e Lindan.

Foram tomadas seis resoluções n'esta reunião.

Limitam-se os catholicos na primeira a rechaçar a calumniosa accusação, de que são indifferentes aos interesses da patria, e aos inimigos do imperio. Declaram que como cidadãos reclamam os seus direitos, não abandonando nunca a sua liberdade pessoal, nem deixando a autonomia da sua Egreja ao arbitrio dos homens d'estado, nem ao asar das maiorias parlamentares.

Na segunda resolução, concordaram em defender a liberdade da Egreja alleman, independente ha mil annos, e protegida por seus monarchas.

Resolveram na terceira defender ás familias o direito de educarem seus filhos, na Religião christã, combatendo energicamente o monopolio, que o Estado pretende exercer, fazendo o seu ensino obrigatorio, contra as disposições constitucionaes.

Na quarta protestam rontra a lei, conhecida pelo nome de «Lei dos Jesuitas» como attentaria, contra a liberdade e dignidade da Egreja, e a liberdade da consciencia dos catholicos, lei que usurpa os direitos civis, de cidadãos irreprehensiveis.

Na quinta nega-se que o Estado seja competente, para impedir que os Bispos exerçam uma jurisdicção, que lhes foi concedida por Deus, como ainda ha pouco aconteceu na questão do Bispo de Emerland.

Manifestam finalmente na sexta e ultima resolução que a situação, em que se encontra o Santo Padre, causa profunda dôr aos catholicos allemães, que não podem deixar de protestar contra os crimes que se teem commettido em damno do augusto Chefe da Egreja catholica, á face dos governos europeus; manifestando ao mesmo tempo, que a protecção do Papa é uma das obrigações dos governos, para com os seus subditos catholicos, e para com elles proprios.

No «Echo de la Province» achamos uma homenagem que o Augusto Conde de Chambord acaba de dirigir á memoria de Mr. Gabriel du Bourg. Eis a carta do Augusto Principe:

«Ex.mo snr. *Antonio du Bourg.*

«Ebenzweyer, 6 de outubro de 1872.

«Acabas de perder meu caro du Bourg, o melhor dos paes, e eu o mais fiel e

---



humidos ainda. Os administradores e os principaes habitantes das duas cidades tomoram assento á meza do principe: os mineiros e paisanos agruparam-se em derredor, e deram-nos, com variantes obrigados, uma representação pittoresca do *jantar campestre*.

No fim do almoço o presidente e a deputação levantaram-se e com voz grave e forte o presidente exclamou empunhando um copo, de maneira que fosse visto pelos grupos mais afastados=A' saude e ventura do digno representante d'essa antiga raça real, que deu á França tantos e tão grandes reis, e á christandade um santo!

Mais de tresentas pessoas estavam reunidas na planura; estas palavras porém foram escutadas com o mais profundo silencio, e cada um pareceu associar-se-lhe. O principe, commovido com os sentimentos que inspirou, sahiu subitamente do seu logar, dirigiu-se ao grupo dos operarios, que estava affastado de nós, e, pegando na cabaça d'um mineiro, bebeu á prosperidade d'um paiz, onde tinha sido tão cordealmente recebido. Mil acclamações lhe responderam, estouraram os morteiros, um grupo de trabalhadores deitou muito fogo no cume do Detunata, tocou a musica dos mineiros e principiaram as danças nacionaes. Foi uma verdadeira festa popular cheia d'encanto e liberdade.

Quando estavam mais animadas as danças fomos ao Detunata. Uma terrivel eru-



duzentos passos debaixo da terra surprehendeu-nos um espectaculo admiravel: estavamos no nivel d'abobada mais alta, como um lustre estaria no ponto culminante da nave d'um vasto templo. Repentinamente vimos uma numerosa população alumiada por luminarias e por immensos lampeões dispostos de maneira, que formavam letras e disticos em honra do principe. Quando a barca pousou no pavimento estrondosos *vivas* se ouviram, e quarenta musicos, collocados n'uma galeria elevada executaram symphonias n'um accorde admiravel.

Sam muito lindas as salinas; a abobada da primeira galeria tem uma altura de cem pés e as suas paredes, distantes entre si sessenta pés, sam venosas como o mais bello marmore. Aberta em 1792 esta galeria é em parte cavada sob o leito do Marosh. O conde de Chambord percorreu-a lentamente parando com curiosidade diante de cada officina; depois d'isto subiu ás galerias abertas mais recentemente. Um francez, estabelecido nas circumvisinhanças, alli tinha vindo na esperança de ver o principe, que o recebeu, como recebe todos os francezes.

Depois de duas horas de passeio nas salinas subimos, para visitar os armazens, por uma escada, ou melhor, por um estreito estrado de seiscentos degraus.

Os condes Tschaki e Bethlem, chegados em deputação de Claussembourg, estavam em casa do administrador, e almo-



director do collegio, que tinha visto na vespera, mas que desejava ser-lhe apresentado particularmente. Este sabio professor era o chefe da opposição liberal na Transylvania, onde exercia uma grande influencia sobre a burguezia e na mocidade. Este procedimento d'um similhante personagem parecerá extraordinario aos homens, cujo espirito limitado ou corrompido não póde comprehender a alliança do poder monarchico e da liberdade; mas parecerá muito natural áquelles, que sabem, como o director do collegio d'Enyed, que as reformas sam tanto mais salutares e as liberdades tanto mais solidas, quanto mais o poder, que se lhe associa, fôr mais independente dos partidos e mais respeitavel pela sua origem e pela sua moralidade.

Depois de ter-se entretido com o director do collegio, o conde de Chambord poz-se a caminho para ir visitar uma das alcaiderias mais interessantes d'este paiz.

O conde José Banfi tinha pedido ao principe licença para o acompanhar a Marosh-us-war. E' n'este logar, que ha as melhores salinas da Transylvania. Este joven senhor foi o nosso guia n'esta excursão.

O conde de Chambord foi recebido em Marosh-us-war pelos administradores, com os quaes conversou algum tempo; depois entrou na barca da descida e penetramos, com uma luz na mão, na estreita passagem para as salinas. Tendo descido quasi



pção tinha quebrado o coroço basaltico do vulcão e talhado em parallélipipedos d'uma notavel uniformidade uma enorme porção de rochas. Todos estes fragmentos cantaricos, dispersos confusamente nos flancos da montanha, tolhem o accesso do pincaro com os seus angulos multiplicados; comtudo depois de muito tempo e esforços chegamos ao ponto mais elevado do Detunata. Do alto d'este cone immenso descobre-se um vasto horisonte de montanhas. A nossos pés, na planura, em que acabavamos d'almoçar, tinhamos o espectaculo d'animadissimas danças. A musica, o canto dos mineiros, os gritos alegres, as detonações das bombas de fogo, o brilho longinquo do rio, tudo concorria para dar um caracter fantastico á scena, que se desenvolvia diante de nós.

Na volta á planura recebeu o conde de Chambord as despedidas dos habitantes de Veraspatak, depois do que se dirigiu para Alerud-Banya pelo caminho mais longo, porém mais agradavel do valle do Aranyos.

A meio caminho encontrou o principe na sua passagem uma escóla de rapazes, para os quaes pediu um feriado, e que muito folgaram com este encontro. No dia seguinte voltamos a Zalathna, onde o conde de Chambord se não queria demorar muito, o que não pôde effectuar, porque uma circumstancia imprevista mudou esta determinação: os habitantes d'esta cidade haviam feito preparativos para um baile

dedicado amigo. Profunda tristeza me assaltou com a noticia d'este inesperado golpe, que foi ferir as suas affeições mais caras, e quanto a mim acompanho a sua tão justa dôr.

«O sentimento da sua morte n'esta grande cidade de Tolosa que lhe era tão cara; os testemunhos tão espontaneos de amor e respeito dados por todas as classes da sociedade, sem distincção de côres nem de partidos; o admiravel concurso d'estes generosos varões presentes ás suas exequias, fallam bem alto mostrando quem foi o que gosa n'esta occasião, de que tenho firme esperança, das recompensas eternas com que Deus premeia os que sempre o amaram e que tambem o serviram. E' uma grande consolação, vêr, em epocha, de tantas perturbações como esta nossa, a preponderancia que exercem em redor de si os homens firmes e inhabalaveis nas suas crenças religiosas e politicas. Será esta a vossa consolação, a de vossos irmãos, especialmente a de vosso irmão José a quem devo significar mais especialmente o sentimento; se esta a consolação de todos os membros da vossa familia, a que n'isto acharão mais uma prova da minha dolorosa sympathia. Vosso pae era o typo da dedicação, da abnegação e da honra. Na dedicada posição em que a minha confiança o tinha collocado ha tantos annos, não cessei nunca de admirar a sua firmeza de principios, o seu espirito de conciliação pelas pessoas, de imparcialidade dos seus juizos, pela vivacidade da sua fé, e nunca se me apagará da lembrança dos bons serviços que me prestou.

«Haveis de continuar, tenho a certeza a inspirar-vos dos seus conselhos e dos seus exemplos; lembrar-vos-hei de vosso irmão Armand, morto pela França, depois de offerecer ao Santo Padre a mocidade e a vida, e d'esta fórma tornar-vos-heis dignos filhos d'aquelle a quem choraes.

«HENRIQUE.»

—A «Conviccion» publica a seguinte carta:

Alta montanha 12 de outubro.

«Esta manhã D João Castells, que se achava com 100 infantes e 24 cavallos em Prats de Llusanés, foi atacado por uma columna ás cinco e meio da manhã. Houve um forte fogo que Castells sustentou em retirada até ao ponto que lhe convinha, no qual se fez forte até que uma outra partida, das suas, chegou pela retaguarda dos amadeistas, mettendo-os assim entre dois fogos, e obrigando-os a dispersar com muitas perdas.

Villa del Prat se achava com 250 homens em San Boy de Llusanés, e ás quatro da manhã de hoje lhe appareceu o batalhão de Bejar. A guarda fez fogo e matou um soldado e feriu outro que pouco depois morreu. Os carlistas sairam da povoação sem terem perda alguma.

Tambem se diz que por parte de Arbucias havia tiros.

—Olot, 12 de outubro.

Já não é só a partida de Saballs que bate as columnas italianisadas, ha tambem outras que se atrevem com ellas, colhendo bom resultado. Digo isto, porque hontem reunidas as partidas de Barrancot e de Chicot, em numero de 350 homens, estavam em Tertellá, a tres horas d'esta villa, quando tiveram noticia de que a columna que commanda o coronel Reina se dirigia áquelle porto.

Os carlistas queriam esperal-a na povoação, porém as supplicas dos habitantes os obrigaram a mudar de plano. Sahiram do povo, e tomaram posição, em logar adequado e não longe d'alli.

Foram atacados pelos defensores do do extrangeiro, em numero incomparavelmente maior; porém os carlistas defenderam-se heroicamente, zombando da columna e de sua artilheria, e causando ás forças inimigas a perda de quatro mortos e bastantes feridos, entre estes dois officiaes; os carlistas tiveram apenas um ferido, e levemente.

—Tortosa 11 de outubro.

Hontem entre Roca-foradada e Cabrafaixet, termo d'esta cidade, distante d'aqui menos de tres horas, obtiveram as armas carlistas uma brilhante victoria; pouco mais de cem carlistas, commandados por D. Francisco Tallada, veterano da guerra dos sete annos, destroçaram mais de 300 amadeistas, sendo os que mais soffreram os guardas civis. Os carlistas não tiveram nem um contuso, porque como quasi todos são filhos d'aqui, em um terreno tão acidentado souberam escolher boas posições; os amadeistas tiveram doze mortos, que ficaram no campo da batalha, além dos que levariam; os feridos não sei quantos foram porque os levaram ao povo de Perelló.

—A «Verdad» publica a seguinte carta:

Solsona 13 de outubro.

Saballs continua burlando os triangulos e quadrilateros, que o general do italiano traça de Vich e Castells. Torres e os outros chefes dos nossos valentes voluntarios transtornam o cerebro dos liberaes e dão assumpto á «Gaceta» para mentir.

Dois dias tivemos aqui a columna do coronel Prior. Os jornaes officiosos chegavam-nos dizendo que aquelle coronel seguia de perto Torres e Ferrer. Pois emquanto elle estacionava n'esta á busca de aventuras, Torres descançava em Oliana, e Ferrer desarmava os voluntarios da liberdade de Pobla de Segur.

Tambem não sabemos o que faz a columna de recreio que vigia a linha do caminho de ferro de Barcelona a Zaragoza, pois sabemos que, nas suas barbas, os carlistas deteem os trens e obram como donos da casa. Digo isto porque sei que os nossos voluntarios ás ordens de Nastalat e Cadiraire fizeram parar perto de Monistrol o comboyo de passageiros, que tinha saido de Barcelena, e renderam e desarmaram, sem disparar um tiro, uma companhia da guarda civil e tres officiaes que vinham n'elle. Tudo isto nos fará convencer de que os datalães fazem ondear triumphalmente por todo o principado a bandeira: Deus, Patria e Rei.

A importante villa de Cardona continua bloqueada pelo commandante carlista Camps. Julgo porém estar nomeada uma commissão dos contribuintes para receber e entregar o trimestre da contribuição, feito o que cessará o estado anormal d'aquella villa.

Tristany percorre os povos d'esta montanha, recebendo provas inequivocas de adhesão á santa causa que defendemos. D. Carlos (Q. D. G) é senhor da Catalunha.

O que houver de novo, e espero que seja importante, vos communicarei brevemente.

—Lê-se na ultima hora da «Regeneracion:»

O general Baldrich voltou, segundo se diz, a Barcelona, pondo assim termo á sua segunda campanha.

Insiste-se em assegurar que leva uma recente recordação, e não mui agradavel do valor de Saballs e sua gente.

—Lê-se na *Regeneracion*:

«As noticias que ácerca da insurreição da Catalunha nos dá a *Gaceta* nos provam que as partidas carlistas seguem disfrutando a mesma tranquilla e socegada vida, a que se entregam ha tempo apezar da *activa* perseguição de Baldrich e uns numerosos batalhões.

E' certo que hontem circulava o rumor de que Saballs houve voltado e vencer a Baldrich e se dizia que o capitão general da Catalunha se vira obrigado a fugir para livrar-se dos carlistas.

Não sabemos nem o fundamento, nem a credibilidade da noticia, porém, sinceramente desejariamos saber se ha havido encontro; porque a ser assim, de certo pelo silencio da *Gaceta*, e por outras razões, que não vem ao caso, porém que saltam á vista, Baldrich é levado a peior parte.

As partidas das Asturias continuam sem novidade, e com a sahida para o Ferrol dos caçadores que as perseguiam, se dispõem a engrossar.

São notaveis as seguintes palavras que dedica a *Epoca* a fallar da insurreição carlista.

O governo engana-se, se acredita ser possivel occultar o que se passa na Catalunha.

Alli estão as operações, pessimamente dirigidas; as povoações estão cançadas de tantos incommodos, e de tanto entrar e sahir forças de um e outro lado, que não fazem mais do que causar vexames.

E' preciso que o governo pense em proteger efficazmente os povos, pois de contrario poderá ser surprehendido por um successo desagradavel.

Em um jornal de Perpignão se diz que o general Saballs esteve exposto a ser victima de uma odioso tentativa de assasssinato.

Trataram de envenenal-o por meio de um cigarro, e sua vida foi seriamente ameaçada. Por furtuna os auxilios promptos e habeis, que se lhe subministraram, destruiram o effeito do veneno.

Nós outros quizeramos que o combatessem em campo raso, porém que não recorressem áquelle meio.

## NECROLOGIO

Anjo de dôr! vem sentar-te
— Aqui junto a mim,
Quero oh! quero contar-te
— Por que choro assim....

A manhã do dia 16 d'Outubro foi bem luctuosa e triste!....

Por que foi n'ella que o Anjo da morte ceifou em flôr a vida de Aurelio Maria da Silva Ramos.

Era para mim mais que amigo; era um primo dilecto!....

Contava apenas 16 primaveras, e já foi chamado á patria celestial!....

Choro, porque me foi bem dolorozo deixal-o, e por não possuir a lyra do poeta, porque queria, em tristes endechas, exprimir a dôr, que ora me angustia o espirito.

Era joven! Cingia a fronte com o diadema da pureza, porque a virtude reinava em seu coração.

Seguia a carreira litteraria, para um dia ser util a si e á sociedade; porém Deus chamou-o, e elle levantando as mãos, com os olhos fitos n'um quadro da Virgem sua protectora;.... assim morreu!.... Meu primo! Tu que estás no meio de coros d'Anjos, pede por mim ao Senhor, que eu, sobre a lousa fria, que te cobre os restos mortaes, derramarei abundantes lagrimas, e orarei por ti; é a ultima cousa que te dá um primo—um amigo.

Braga 20 de Outubro de 1872.

*A. A. G. da Silva Ramos.*

# SECÇÃO NOTICIOSA

**Missa de Requiem.** — A redacção d'este jornal manda celebrar ámanhã, na egreja do Carmo, uma missa pela alma do illm.º e exm.º sr. commendador B. José de Senna Freitas.

Offereceu-se para gratuitamente a dizer o revd.º Manoel Ferreira Marnoco e Souza, o qual, de muitos testemunhos davisado, prestados ao illustre finado, quer accrescentar mais este como prova inequivoca dos seus sentimento catholicos e legitimista.

Convidamos a Mocidade Lelitimista Bracarense e todos os cavalheiros especialmente os proselytos das nossas crenças religiosas e politicas, assistirem a este acto de verdadeira gratidão e amisade.

A's 10 horas devem estar no templo todas as pessoas que se dignarem acceder ao nosso convite.

**Outra.** — Bernadino José de Senna Freitas, tendo resolvido fazer celebrar na proxima sexta feira 25 do corrente, ás 10 horas da manhã, na egreja do Carmo, uma missa de *requiem* por alma de seu fallecido pae, o commendador Bernardino José de Senna Freitas, partecipa-o por este meio a todos os seus amigos e do finado, que queiram honrar aquelle acto com a sua presença.

**Fallecimento.** — E' com magua que registramos aqui um golpe, summamente doloroso, descarregando pela Providencia no coração divino do nosso virtuoso e erudito amigo o illm.º e exm.º sr. João Baptista da Silva Ramos. Se não fôra as virtudes do seu joven filho que na tenra edade de 17 annos fôra levado pelo anjo do Senhor a gozar da gloria reservada dos justos, de certo não nos atreveriamos, a ticia.

Bem sabemos que a perda d'um filho e na flôr dos annos, e que longe encetara a carreira escholar, é motivo fortissimo para transir de dôr o coração d'um pai e extremoso como o vosso, mas não manda a religião estancar as lagrimas quando se vertem porque sahiu das amarguras da vida e foi gozar o premio dos justos?

O pranto só ha cabido quando se verte pela desgraça!

Para o que deixou o logar do exilio e trocou os espinhos do mundo pelas delicias do céo, os nossos louvores e não as nossas lagrimas e para vós as palavras da Biblia = *Modicum plora supra mortum, quoniam requievit.* =

As nossos leitores e amigos um Padre Nosso e Ave-Maria pelas imprefeições de que o justo não é isento n'esta vida e que elle, porventura, tenha a expiar na Egreja Purgante.

**Outro.**— Falleceu hontem pelas 10 horas da manhã o nosso amigo o snr. Manoel José de Carvalho, honrado negociante d'esta cidade.

A morte colheu-o subitamente deixando inconsolavel sua esposa e filhos.

Tem hoje os officios de sepultura na Real Capella de Santa Cruz.

A sua esposa e filhos dámos nossos sentidos pezames.

**Festividade.** — Hoje pelas quatro horas da tarde deve principiar na egreja dos Congregados uma novena em honra de S. Theotonio cula imagem, que é destinada para a egreja do Populo, se acha n'aquella egreja exposta á veneração dos fieis.

Em todos os dias da semana haverá pratica feita pelo revd.º sr. D. Joaquim da Boa Morte, e no dia de todos os Santos terá logar uma solemne festividade com missa cantada e sermão pelo mesmo distincto orador.

O sur. Paulo José da Costa, morador na Praça do Barão de S. Martinho, está encarregado de receber as esmollas que foram offerecidas para se fazer a mesma devota imagem.

**Outra.** — Domingo 27 do corrente, ha uma grande festa a S. Sebastião, na egreja do hospital de S. Marcos, d'esta cidade. De manhã haverá missa solemne a grande instrumental, e de tarde um escolhido sermão, e em seguida *Te-Deum*.

São dignos dos maiores elogios os devotos, que na presente epidemia, se lembraram de festejar uma imagem tão milagrosa.

**A Protectora.** — Com este titulo estabeleceu-se em Lisboa uma Companhia de Seguros, que tem por fim facilitar aos paes de familias por meio d'uma pequena annualidade a vantagem de remirem seus filhos do serviço militar. Aos feitos d'esta Companhia faz o illustrado jornal a *Nação* as seguintes judiciosas considerações.

«A Companhia de Seguros para a remissão do serviço militar cujos estatutos publicamos em um dos nossos passados numeros, é objecto de diversas apreciações de alguns jornaes que mostram não lhe serem muito favoraveis.

«Um dos argumentos apresentados é que, pela facilidade que estabelece para as classes mais remedeadas se poderem eximir d'este pesado encargo, recahirá elle sobre a classe mais pobre da sociedade.

«Não nos parece que este argumento colha, e julgamos que da execução do pensamento da Companhia não provirão os males que para o exercito se annunciam antes talvez uma utilidade, a de conservar por mais tempo nas fileiras soldados já feitos, em vez de os substituir por recrutas, porque geralmente são soldados que tendo completado o tempo de serviço os que de novo entram n'elle por contracto.

«Encarando a questão debaixo de outro ponto de vista, diremos que se a muitos que fogem de seguir a vida militar, muitos ha que a seguem voluntariamente e que procedem não de uma unica classe, mas sim de todas, desde a mais elevada até á mais interior.

«E temos ainda a observar que a facilidade da remissão do serviço deverá diminuir muito os crimes, hoje vulgares no exercito, taes como deserções etc., porque não será vulgar que o homem que faz vida de soldado, e nas fileiras tem passados muitos annos, deserte das suas bandeiras, nem tambem que tal faça o que voluntariamente tomou o serviço

«Por isso repetimos, que em vez de julgarmos prejudicial ao exercito a Companhia de Seguros e remissão do serviço militar, nos parece que pelo contrario lhe ha-de ser de muita utilidade.»

**A Reacção.** — E' o titulo de um novo jornal que viu a luz da publicidade na terra que foi berço da Monarchia, na historica cidade de Guimarães.

Decidido campeão que se propõe combater os inimigos da religião e da patria, saudamos jubilosos o novo collega e desejamos-lhe longa vida e prosperidades.

**Os ordenados do sr. Fontes.** — Diz a *Avrora do Lima* que o sr. Fontes, recebe:

| | |
|---|---|
| De ministro d'Estado | 3:200$000 |
| » nando | 1:000$000 |
| » conselheiro d'estado | 2:000$000 |
| Da companhia do caminho de ferro | 1:000$000 |
| » companhia de credito predial | 400$000 |
| Total | 7:600$000 |

**Cócórócó.** — Diz o mesmo jornal:

Lê-se n'uma folha de Lisboa:

«Contam-nos que ha dias houve um pequeno charivari em uma das ruas da baixa, ao sr. Fontes.

Prssava s. ex.ª cuidadosamente escondido no fundo da sua carruagem. Viram-n'o, porém, alguns homens do povo, e lembrou-se um d'elles de arremedar um gallo:

— Cócórócó, cócórócó!

Em poucos momentos eram duzias de pessoas a repetir o grito da troça:

— Cócórócó, cócórócó!

Foi uma perfeita inferneira.

A policia, felizmeute, não appareceu, e o povo pôde divertir-se d'aquelle modo, cantando o novo hymno do poderoso syzerano da ilha das Gallinhas, sem soffrer desgosto.

Quando os ministros passam a ser *Francisquinhos*, como respeital-os!»

**Que ridiculo.** — Lê-se n'um jornal de Lisboa, que no dia 16 representou Taborda na Trindade o *Ditoso fado*, e como é de uso, a pedido do publico cantou algumas quadras a mais do que as da comedia, e entre outras, estas que um amigo nosso pôde escrever poraue, foram repetidas:

De estar a cantar o fado
Já me doem as campanhas
Com licença meus senhores,
Vou pr'a ilha das Gallinha.

Ha hoje melhor negocio
Do que o canal do Suez
Quem tiver boas gallinhas
Tem trinta mil réis por mez.

Pr'as torradas manteiga,
A cantiga já vae longa,
Se rebentar a revolta,
Passo as palhetas pr'a o Bonga.

Desejavamos que o sr. Fontes estivesse na Trindade, para vêr com que estrepitosas gargalhadas e phreneticos applausos acolheu o publico estas cantigas! Taborda foi repetidas vezes chamado ao prescenio e victoriado com detirio!

O ridiculo é a rolha Tarpeia dos politicos orgulhosos! O epitaphio do ministro escandaloso lavrou-o no dia 16 do corrente o primeiro actor comico portuguez!

*(Atalaia do Minho).*

**O rei d'Italia.** — E' industrioso o meio termo que achou o faceto chronista da «Frusta» para chegar duas «frustate» (chicotadas) a um personagem inviolavel, sem offender a lei e portanto sem cair nas garras do fisco. Será tentação traduzirmos, mas não lhe podemos resistir. Vejam os leitores que pilheria teem os romanos:

«Não acreditaria, se não o encontrasse escripto e impresso com typo de corpo 9 nas «informazioni» do *Fanfulla* de sexta feira. Com que o *Fanfulla* foi informado de que o «Rei d'Italia» já se não póde salvar! («Ré d'Italia é um navio de guerra dos perdidos na batalha de Lissa...) A sua perdição é certa e inevitavel de todo em todo. Para arredar equivocos deploraveis, declara e protesta que o «rei de Italia» é, ou melhor era, um navio, um baixel, uma embarcação, um cavallo de pao, emfim uma casa que servia para levar outras casas pelo mar.

Em 1866 o «Rei d'Italia» quiz ir pairar para as aguas de Lissa; e quando n'essas alturas procurava prejudicar as náos dos austriacos, levou um cachação de Thegetoff, que o fez immediatamente senhor do fundo das aguas. Agora, depois de tanto tempo uma sociedade austriaca, estabelecida para pescar os navios afundidos, pôde distinguir ao «Rei d'Italia» atolado na vasa. Fez tudo quanto ha para salval-o; mas elle está n'uma tal posição e atascado tão tenazmente na lama, que foram baldadas todas as tentativas executadas para salval-o a elle e aos seus trastes. Pobre do «Rei d'Italia» sumido no lodo e no abysmo do mar! Acabará por apodrecer e delir-se sem remedio!»

**Curiosidade.** — Em 1860, primeira entrada de Victor Manuel em Roma, um diluvio impede os festejos, e destroe os custosos preparativos que se haviam feito para recebel-o.

1853 — Segunda entrada do rei; diluvio, trovões e raios que matam oito pessoas.

1865 — Regressa o rei; colera.

1866 — Chegada do principe de Carignan; cataclismo em Pozzo Falcone; casas sepultadas, com morte de alguns centenares de pessos.

1867 — Chegada do principe Amadeu; voa o paiel de Pausillipo, e perecem 50 pessoas.

4869 — Nascimento do um principe, filho do principe Humberto; chuvas torrenciaes que destroem todos os preparativos, illuminações, etc.

no Vesuvio com todas as desgraças que são conhecidas.

**Vae medrando.** — Lê-se no «Direito» A Internacional vae medrando entre nós. Informam-nos que dois delegados d'esta funesta associação, vindos de Lisboa, promoveram duas reuniões em uma casa de Lordello, alistando por essa occasião cerca de mil artistas!

Se não ha quem olhe por isto, brevemente teremos scenas desgraçadas para lamentar.

Ha tempos que as *grèves* da capital estão mostrando ao mundo a lucta ingloria do trabalho contra o capital, e os effeitos perniciosos da nova seita social, que intenta desgraçar a classe operaria, animando-a falsamente com promessas illusorias e traiçoeiras.

Se houvesse verdadeira educação religiosa no povo, se os seus conhecimentos religiosos o guiassem para a senda da justiça e da moralidade, em vão tentariam os especuladores roubar-lhe o pão, o socego de espirito, e o dinheiro gasto á custa do seu suor, tirando-lhe o unico linitivo dos seus males — o trabalho.

**Outros tempos outros costumes.** — Do «Correio da Tarde». — Quando em Portugal havia rei que governava, e o povo, pela voz do seu Juiz, levava ao paço as suas queixas e supplicas, as portas da habitação do soberano eram abertas de par em par ao delegado dos artistas, operarios, e industriaes, o qual era recebido sempre com a coesideração devida ás honrosas classes que se alimentam do suor do seu rosto. O povo pedia justiça ao rei contra qualquer acto iniquo do ministro, e o rei fazia justiça, porque não dependia do *quero posso e mando* dos seus secretarios d'estado para fazel-a. Hoje.. hoje o povo queixa-se, mas o chefe do estado responde que é *rei constitucional* e manda o queixoso para o ministro.

E como hade o ministro attender á victima das suas iniquidades? Aconselhará porventura o Principe, que demitta e entregue aos tribunaes o ministro despotico e prevaricador? Mas já vistes o criminoso ir pedir que o punam?

**Uma anedocta do R. P. Curci.** Lê-se no «Correio da Tarde: Ainda ha pouco um jornal de Coimbra se congratulava comsigo mesmo, porque iam desapparecer de sobre a face da terra os jesuitas. Por signal que já os expulsavam da Bavieram! Como se a Baviera fosse o viveiro d'elles; onde apenas se tinham estabelecido uns cinco ou seis, ha bem poucos annos, por muitas diligencias que para isso fez o zeloso bispo de Ratisbonna.

A farfalhada do «Progressista» fez-nos

embrar d'um caso que lemos nas obras do celebre jesuita P. Curci. Ia elle de jornada pela Suissa, e a seu lado um joven bávaro que fallava pelos cotovelos dos *enormes males* que os jesuitas estavam fazendo na sua patria, na infeliz Baviera; até que o jesuita lhe disse:

— Mas eu posso provar-lhe que actualmente não ha um só jesuita na Baviera.

— Que tem lá isso? (replica o bávaro enfiado) Maior mal fazem os jesuitas onde não estão, do que onde estão (!!!)

— N'esse caso deve o governo da Baviera chamal-os quanto antes.

Riram-se todos, menos o mancebo, que virou o rosto para o outro lado do trem e começou a fallar de como estavam viçosos os campos suissos.

**Bellezas liberaes.**— Lê-se no «Correio da tarde»: Antes de vir ao paiz a dynastia *liberal* qualquer logista que hoje paga, por exemplo 4:000 réis de contribuição industrial, pagava 400 réis e ainda menos de maneio. E são acaso maiores agora os interesses? E' menos cara a vida?

Nem os interesses são maiores, nem a vida é menos cara; em compensação, porém, o logista tem ampla liberdade de gritar aqui d'el-rei contra os que o esfollam, mas clama no deserto.

E' atroz o modo como o fisco trata hoje os compradores ou vendedores de predios rusticos ou urbanos. A siza, ou direito de transmissão por titulo oneroso, não é paga na proporção do preço da acquisição, mas segundo o rendimento collectavel. Um predio v. g. que figura na matriz com o rendimento 100$000 réis, ainda que seja vendido por 200$000 (verdadeiro valor venal d'elle) hade pagar ao fisco, não o correspondente ao preço real da venda, mas o relativo ao capital, que a fazenda suppõe que produz o alludido rendimento collectavel.

Extinguiram o dizimo, os vinculos, e tudo quanto era antigo, para libertarem a terra e fazem d'estas? Muito saltimbanco, e bufarinheiro come pão n'esta pobre terra de portuguezes!

O preço dos generos alimenticios continúa em geral exorbitante, e o de alguns crescendo despropositadamente. Consequencias do systema que felizmente nos rege. Custa acreditar que haja homens, como os que teem gerido, e estão gerindo a causa publica; mas custa ainda mais a crer que haja um povo de tal paciencia, como a do povo portuguez! Não sabem os logistas, não sabem os artistas o que pagavam antes do novo regimen, e não sustem as di- [illegible] annualmente lhes pede de chapéo na cabeça? O povo geme, e soffre tudo, que ahi lhe faz o governo, e o governo ri-se, e vae continuando na estrada coimbrã dos vexames publicos. Desilluda-se quem anda enganado: emquanto não entregarem o leme do estado a gente verdadeiramente portugueza, as violencias não cessam. O liberalismo (está provado pela experiencia de quasi 40 annos) não póde, ou não quer olhar sériamente para os interesses nacionaes embora olhe incessante e avidamente para a algibeira do povo. E' preciso, pois, que a revolução desça do poleiro, e suba quem saiba, e queira governar o paiz como elle preciza. O povo sabe onde está o remedio....

## COMMUNICADOS

### Assumptum

*Si christianus bene, et sincere velet credere, debet omnem curiositatem intellectus vitare.*

Lêmos na Sagrada Escriptura, num. 13, que o capitão Moysés, dezejando occupar a terra tantas vezes promettida por Deus, ao seu povo, para a subjugar com mais facilidade, como general experimentado, antes de metter mãos á obra, primeiro, mandou exploradores, dos mais afinados, que lhe dêssem contas das difficuldades que poderiam encontrar na conquista da terra que levava em vista.

Partiram os exploradores a cumprir as ordens do seu general; e no espaço de quarenta dias, deram conta a seu amo do que colheram nas investigações, a que os mandou proceder, fazendo-lhes a narrativa na maneira seguinte:

Excellentisso general — a região que pertendemos occupar, na verdade, é fertilissima e abondantissima, — omnibus — é á maneira do paraizo terreal — todo o trabalho será bem recompensado, se a subjugamos e mettemos de posse d'ella; não temos mais a dezejar — é tudo do texto sagrado: *venimos in terram ad quam miscili nós quæ revera fluit lacte et melle.*

Porém Exm.º general, por duas causas, accreditamos que a não podemos subjugar

Primeira, é que os habitantes d'esta terra são robustissimos, e d'uma grandeza extraordinaria, que nós, á vista d'elles, parecemos pigmeus e lagartos *pojnados quem asfleximus proceræ staturæ est... quibus comparati quasi locusto videbamur.*

A segunda, ainda peior que a primeira, vem a ser, que o solo d'aquelle paiz se abre para devorar os seus incolas — *terra ista devorat habitatores suos.*

Contadas estas e outras miudezas a Moysés, pelos exploradores, ajunta o texto sagrado, que no fim da narração foram todos punidos com morte repentina *omnes viri, quos miserat Moysés ad contemplandam terram mortui sunt, at que percussi in conspectos Domini.*

Na verdade, este facto, é admiravel!.. Porque castigou Deus com morte repentina a estes exploradores, que iam em serviço do seu general!.. Fizeram a sua obrigação, contaram o que viram, em razão do seu officio de exploradores; e por isso são castigados, com uma morte repentina!... Castigo a meu vêr, mereciam elles, se não desempenhassem a missão de que iam incumbidos. Recorramos aos Sagrados Expositores — S. João Chrisostomo, Hom. 2, in Ep. ad Rom. Morreram, porque foram curiosos demais; não tinham fé nas promessas de Deus, que tantas vezes lhes tinha promettido a victoria, e a posse da terra da promissão — *mortui sunt atque percussi in conspectu Domini quia victoriæ modum disquisien.*

Sim, Deus matou-os repentinamente, porque foram demasiadamente curiosos!... Queria que tivessem fé nas suas palavras, que não podem enganar; mas a presumpção e altivez, com que os exploradores, investigaram os logares d'aquella região sem fazerem caso das promessas do grande Deus, ficou-lhes caro, custou-lhes a propria vida.

E d'este tremendo castigo, aprenda o christão, a ter fé nas promessas de Jesus Christo, e nos mysterios revelados á sua Egreja; não se faça curioso, querendo passar por sabio orgulhoso, a perguntar como se acredita este ou aquelle mysterio?!... Feche os olhos, a razões humanas, que se tudo o que Deus fez estivesse sujeito á critica e á capacidade do homem, então pouco ou nada tinhamos que admirar, nas suas obras.

Crêr, a olhos fechados, porque se os abre para vêr e examinar os mysterios da nossa santa religião, é signal de morte.

Mettamos aqui tambem um bocado de medicina.

Hypocritas nos seus aphorismos — aph. 52, vol. 53 — diz que o medico deve observar com diligencia os olhos do enfermo, quando dorme, porque se dormir com os olhos abertos, de maneira que se veja — *albago oculi* — se isto não fôr effeito da medicina tomada, é mau signal — *malum si-* [illegible] da historia sagrada num. 14 v. 31 — *omnes viri quos miserat Moyses ad contemplandam terram mortui sunt atque percussi in conspectu Domini* — não se quizeram fiar nas promessas do Grande Deus, em castigo da sua rebeldia e incredulidade, todos morreram repentinamente

O mesmo ha-de acontecer, aos que não querem acreditar nos mysterios da nossa santa religião, sua enferma, que dormem com os olhos abertos, venho a dizer: de dia e de noite, só estudam em sophismas, para se enganarem a si e aos outros, metter a ridiculo, zombaria e escarneo, tudo quanto ha de mais antigo, santo e louvavel na Egreja de Deus, aproveitando quantas diatribes, e parvoices, encontram nos livros maçonicos, escriptos por atheus, e desmoralisados, que não professam religião nenhuma.

Christãos, a nossa fé deve ser cega, saber só se Deus o disse, assim o tem e ensina a Egreja nossa mãe, e não indagar curiosamente, em tom de soberba, e de orgulho; o modo como foram feitos os mysterios da nossa santa religião, como por exemplo, a Trindade n'um só, Jesus Christo escondido, debaixo das especies de pão e de vinho, consagrados pelo sacerdote — O mesmo Deus com todos os atributos da divindade, como esta nos altos Ceos.

A razão de tudo isto, e do mais que se encontra nos mysterios da nossa santa religião, não está na philosophia, porque nos livros dos philosophos não se encontram as verdades dos catholicos. Mas só sim se encontram nas divinas escripturas, tradicção, concilios geraes decretos pontificios, lição que a maçonaria despreza, e por isso não accredita nos mysterios da nossa religião, porque nunca os leu nem estudou

A philosophia não é tribunal competente nem a mestra para decidir, nem ensinar nas questões da fé; esta senhora, que se ufana de sabia, e que em tudo quer metter o bico, e dar a sua colherada, muito embora dê luz e se encarregue do progresso, e melhoramentos materires, que se alegram o corpo para a alma de nada prestam, porque, o que regalla o corpo é nocivo para a alma.

E se o philosopho se abona com a sua deusa da razão, para acreditar nos mysterios da nossa santa religião, e accredita nas heresias e blasphemias que se encontram nos livros maçonicos, nós os catholicos, tambem como elles, temos deusa da razão, que guiada pelo luzeiro da divina revellação, nos faz acreditar que só o que se contém nos livros approvados pela Egreja nossa mãe, é verdadeiro e infallivel, e esta fé é a que tem povoado o ceo de heroes e heroinas que não tem conta.

Por hoje fiquemos aqui.

13 de outubro de 1872.

*O minimo dos prégadores.*

### EXPEDIENTE

*Aos snrs. assignantes em divida pedimos o obsequio de mandarem satisfazer a importancia das suas assignaturas, com a possivel brevidade. O atraso em que muitos estam tem-nos causado damnos bastante graves e é por isso que fazemos este pedido*

Estão authorisados para receber o importe das assignaturas os seguintes correspondentes:

Em Lisboa, o exm.º snr. J. A. no escriptorio do jornal a *Nação*, na rua do Bem Formoso.

Em Coimbra, o exm.º snr. Anselmo Maria Urbano de Sampaio, rua dos Militares.

No *Porto*, o ill.mº sr. José Carlos das Neves, rua das Flores.

Na Covilhã, o illm.º snr. Luiz Antonio de Carvalho.

Em Lamego, o illm.º snr. José Cardoso, com loja de livros na rua de S. Francisco.

Aos snrs. assignantes d'outras terras onde não temos correspondentes, pedimos o favor de nos remetterem o importe de suas assignaturas em sellos de 25 reis, ou em valles do correio ao administrador d'este jornal o snr. Joaquim José Vieira da Rocha, rua do Souto n.º 41.

### AGRADECIMENTO

Manoel José Pereira, o Padre Francisco José Pereira e José Maria Pereira, agradecem por este meio, na impossibilidade de o fazerem por outro, como era seu dezejo, a todas as pessoas tanto d'esta cidade como da de Vianna do Castello que por occasião da morte de seu chorado filho e irmão Luiz Francisco Pereira fallecido n'esta ultima cidade, os cumprimentaram e lhes prestaram seus serviços.

A todos do coração agradecem, testemunhando-lhes a mais sincera gratidão.

Padre José Silverio da Silva, summamente penhorado para com todas as pessoas que se dignaram cumprimental-o por occasião do fallecimento de sua chorada madrasta Thereza Roza Fernandes, e não lhes podendo agradecer pessoalmente, o faz por este meio confessando a todos sua eterna gratidão. Egualmente agradece a todos os reverendissimos padres que se dignaram assistir aos officios funebres que pela alma da mesma se fizeram na Egreja de Nossa Senhora A Branca.

Antonio Augusto da Cruz Braga, Jozefa Rodrigues Serzedello e Luiza Maria d'Assumpção Augusta da Cruz Braga, não podendo agradecer pessoalmente, a todas as pessoas que se dignaram cumprimental-as por occasião do fallecimento de sua chorada filha e sobrinha Maria Adelaide Augusta da Cruz Braga, o fazem por este meio protestando a todos sua eterna gratidão.


## ANNUNCIOS

### LIVROS PARA AULAS

Na Livraria Catholica encontram-se todos os livros adoptados este anno no Lyceu nacional d'esta cidade que vende por preços commodos.

**Almanach da Familia Catholica,**

Para o anno de 1873, pelo Padre João Antonio da Silva Sampaio.

Vende-se nas Livrarias Catholicas do Porto e Braga por 40 rs.

**Desenganos do Liberalismo,**

Por J. L. d'Araujo e Silva—augmentada com uma dissertação sobre a questão portugueza por Gama de Castro.

A' venda na Livraria Catholica d'esta cidade por 120 rs.

*O producto d'esta obra reverterá em favor da Augusta Familia do Senhor D. Miguel de Bragança.*

**Entretenimentos do Coração Devoto com o SS. Coração de Jesus.**

Composto pelo Padre Theodoro d'Almeida.

Vende-se por 200 rs. nas Livrarias Catholicas do Porto e Braga.

### PROTECTORA

**Companhia de Seguros de Remissão de Recrutamento Militar**

*Sociedade anonyma de responsabilidade limitada*

Esta companhia de seguros tem por fim fornecer aos segurados, quando venham a ser recrutados para o exercito os meios de escaparem ao serviço militar.

A Companhia toma seguros contra o recrutamento militar de 60, 90, 120, 150, ou 180:000 rs. na proporção da tabella abaixo, para seguros de 90$000 reis em annos em que o contingente de recrutas fôr de 7000, não os tomando, nunca por somma superior em 30$000 rs á maior somma fixada legalmente para substituição de recrutas nos ultimos dez annos.

Quando o contingente de recrutas fôr maior ou menor de 7000, o preço dos seguros augmenta ou diminue segundo as fórmulas determinadas no artigo terceiro do regulamento da Companhia.

Os segurados podem, quando lhes convier reforçar o seguro que anteriormente houverem feito nas mesmas condições e limites acima descriptos.

O seguro póde effectuar-se desde o nascimento até á idade de 19 annos por meio do pagamento de uma prestação unica, ou prestações annuaes, á escolha dos segurados.

Ficam pertencendo á Companhia as prestações por ella recebidas tendo ella unicamente de pagar a quantia segurada quando os mancebos forem sorteados e apurados para serviço de primeira linha.

O segurador não póde ser o proprio segurado, não sendo emancipado, mas sim qualquer pessoa apta para contractar. No acto do pagamento nada terá de pagar além do preço do seguro e do sêllo da apolice de 60 reis em conformidade com a lei vigente, e quando haja de receber a importancia do seguro nenhum desconto lhe será feito, recebendo promptamente mediante a apresentação da apolice e do documento que comprova que elle foi definitivamente [illegible] para o serviço militar.

O segurador no acto de effectuar o seguro, completamente legalisada; a satisfatisfazer e assignar as declarações do nome e appellido do segurado e seu domicilio, com designação do concelho e districto administrativo a que pertence.

O pagamento das prestações será feito em metal, na Caixa da Companhia ou agencias. A demora no pagamento das prestações annuaes depois de 15 dias da época fixada para elle, sobrecarrega o segurado em o juro de 1 % ao mez, até se passar um anno, em que perde todos os direitos ao beneficio do seguro. A falta de pagamento da ultima prestação antes da epoca do sorteio importa egual perda de direitos, bem como a apresentação de qualquer documento, que mais tarde se reconheça ser falso.

Para mais esclarecimentos na gencia da Companhia em Braga, rua do Souto n.º 38 onde se distribuem prospectos.

A Agencia abre as suas operações no dia 3 de novembro.

**Tabella de seguros de 90$000 rs.**

| Idades | Prestações annuaes | Prestação unica |
|---|---|---|
| De 1 dia a 1 anno | $495 | 4$175 |
| De 1 anno a 2 annos | $570 | 4$970 |
| De 2 annos a 3 » | $655 | 6$175 |
| De 3 » a 4 » | $750 | 7$415 |
| De 4 » a 5 » | $850 | 8$465 |
| De 5 » a 6 » | $965 | 8$350 |
| De 6 » a 7 » | 1$100 | 10$215 |
| De 7 » a 8 » | 1$265 | 11$310 |
| De 8 » a 9 » | 1$525 | 12$735 |
| De 9 » a 10 » | 1$735 | 15$980 |
| De 10 » a 11 » | 2$130 | 15$310 |
| De 11 » a 12 » | 2$405 | 16$836 |
| De 12 a a 13 » | 2$875 | 18$460 |
| De 13 a a 14 » | 3$55 5 | 20$255 |
| De 14 a a 15 » | 3$360 | 22$240 |
| De 15 a a 16 » | 5$505 | 24$450 |
| De 16 a a 17 » | 7$465 | 27$000 |
| De 17 a a 18 » | 10$625 | 29$810 |
| De 18 a a 19 » | 17$085 | 32$980 |

O Gerente

*João Antonio d' Oliveira Braga.*

N. B. Por omissão involuntaria não se declarou nos exemplares do regulamento que a *Companhia é anonyma e de responsabilidade limitada.* (82)

**O Diabo-Coxo**

Semanario politico, critico e satirico ornado com caricaturas. Publicou-se o n.º 16.

Assigna-se em Lisboa, na rua da Condessa n.º 58, 1.º Preço da assignatura, paga adiantadamente, por cada serie de 24 numeros, 560 rs

*Sermão celebrando o faustissimo dia do XXVI anniversario da gloriosa coroação de N. S. S. Padre Pio IX. o Grande, prégado na parochial egreja de Nossa Senhora dos Mortyres em Lisboa, pelo padre Joaquim da Silva Serrano* **Prior de Bellas.**

Vende-se n'esta cidade na **Livraria Catholica** por 100 rs., e 105 sendo remettido pelo correio.

### ONDE ESTAMOS?

**Estudo sobre os acontecimentos da actualidade, 1870 e 1871**

POR

*Monsenhor Gaume.*

Vende-se por 500 rs., na livraria Catholica rua do Souto, e na de Germano Joaquim Barreto, correspondente da livraria catholica de Roma, onde se encontram todas as obras do mesmo auctor com abatimento de 10 por cento.

### NOVO PAROCHO

INSTRUIDO

NAS MATERIAS MORAES

PARA O EXAME SYNODAL,

Indispensavel a todos os Parochos, e Confessores, illustrado com o Direito Municipal nas partes competentes, e dirigido por seu Author para utilidade do Clero Bracarense.

Obra posthuma do P. Fr. Serafim da Conceição.

Vende-se em casa do snr. Francisco Manoel Gonçalves, rua Nova n.º 10.

2 vol. . . . . 500 rs.

### O MARTYR DA GALGOTHA

TRADICÇÕES DO ORIENTE

POR

**Henrique Peres Escrich**

TRADUZIDA

POR

**Antonio Moreira Bello.**

Preço . . . . . 1$200

Esta obra é a mais bella e explendida da litteratura christã até hoje publicada, e elogiada por toda a imprensa do paiz.

Vende-se na Livraria Catholica d'esta cidade.

### *Os Fidalgos do Coração de Ouro*

Romance

POR

**Manoel Pereira Lobato**

*4.º e ultimo vol.*

Vende-se nas livrarias Catholica, rua do Souto, e Chardron, Largo de S. Francisco.

Preço de cada vol. . . . . 200 rs.

**Photographia do Senhor D. Carlos VII e sua esposa a Senhora D. Margarida.**

Vende-se na Livraria Catholica por 160 reis cada uma. Estes retratos são vindos directamente de Madrid, e tornam-se recommendaveis por serem os mais fieis que até hoje tem apparecido.

Para um novo jornal de Lisboa precisam-se correspondentes em todas as terras. Carta a C. L. Escriptorio na Calçada do Duque n.º 14—1.º andar Lisboa.

Domingos José Gomes, negociante na rua de S. Vicente, n.º 72 d'esta cidade, e Caetano José Ferreira, na do Porto rua de D. Pedro, n.º 117, estão encarregados de receber propostas de quem quizer comprar, na rua de S. Lazaro a casa n.º 51, que foi de D. Joaquina Luiza da Fonseca, e preferirão a que mais vantajosa se offerecer.

Corografia portugueza, pelo P.e Antonio Carvalho da Costa, segunda edição. Vende-se n'esta cidade na Livraria Catholica, e na casa do editor, Manoel Joaquim de Castro Loureiro.

**BRADOS D'ALMA**

*Collecção de diversos escriptos sobre assumptos de religião, philosophia e litteratura*

POR

CUSTODIO VELLOSO —

Preço..... 500 réis

(Pagos no acto da entrega)

Assigna-se na redacção d' este jornal.



EDITOR

*M. J. V. da Rocha.*

BRAGA: TYPOGRAPHIA LUSITANA — 1872